



O MUNDO DA CASA: ENTRE IMAGENS, MEMÓRIAS, AFETOS E NARRATIVAS

Luiz Carlos Pinheiro Ferreira
UnB

Resumo

O texto propõe um encontro entre imagens, memórias, afetos e narrativas a partir das experiências vividas no mundo da casa, salientando a importância das visualidades relacionadas com imagens fotográficas da época de infância e, considerando também, alguns recortes da minha tese de doutorado, na qual utilizei o viés autobiográfico e narrativo na perspectiva de reconfigurar questões subjetivas que foram marcantes na minha história de vida.

Palavras-chave: imagem, narrativa, memória, experiência

Abstract

The text proposes a meeting between images, memories, emotions and narratives from experiences in the world of home, stressing the importance of visual arts related to the photographic images of childhood, also considering some clippings of my doctoral thesis in which used the autobiographical and narrative bias in perspective to reconfigure subjective questions that have been marked on my life story.

Keywords: image, narrative, memories, experience

Nesse texto proponho um encontro entre imagens, memórias, afetos e narrativas a partir das experiências de infância vividas no mundo da casa. Tal possibilidade de escrita adveio, justamente, pela proposta deste oitavo Seminário de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, que provoca a pensar em questões acerca do arquivo, da memória e do afeto, salientando a importância na produção de visualidades. Nesse sentido, a imagem evidencia reflexões sobre a relevância das visualidades presentes na minha formação subjetiva, como também permite a utilização de alguns recortes da minha tese de doutorado¹, na qual considerei o viés autobiográfico e narrativo na perspectiva de reconfigurar momentos singulares e questões subjetivas que foram marcantes na minha história de vida.

650

1 O mundo da casa: território de afetos e aprendizagens

O meu interesse em considerar o mundo da casa como território de afetos, reside em questões alocadas entre o passado e o presente. Nas memórias e episódios específicos desse cotidiano apresentado através das experiências de vida

¹ Tese de doutorado intitulada: Mo(vi)mentos Autobiográficos: historiando fragmentos narrativos de experiências de vida docente e discente em artes visuais, defendida no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, na linha de pesquisa: Culturas da Imagem e Processos de Mediação, sob orientação do Professor Dr. Raimundo Martins e coorientação da Professora Dra. Irene Tourinho em março de 2015.



e de formação. O mundo da casa foi um lugar marcante da minha infância, desde as experiências mais corriqueiras ao lado da minha mãe nos afazeres domésticos, até aquelas que evidenciavam um significativo apreço pela vida, sobretudo, quando descobri o mundo das imagens, ao incorporar a televisão como artefato que desvelava o mundo e as infinitas formas de ver, compreender e sentir o que havia por trás da tela da televisão. Adorava assistir as narrativas do Sítio do Pica Pau Amarelo para transpor o meu mundo para aquele cenário de brincadeiras e fantasias, tornando possível os sonhos e desejos da criançada, onde o impossível transmutava-se em possível, onde o sonho virava realidade e onde o cotidiano da casa juntava-se ao cotidiano da rua, da vida e das descobertas de ser criança.

São momentos específicos e particulares, talvez, emblemáticos, porque encontro argumento para ajuizar minha formação subjetiva, perpassada pela possibilidade de contar e recontar essas histórias, construindo interfaces entre o passado e o presente, sobretudo, ao considerar a interação social, cultural e histórica. Souza (2006, p. 61) convida a refletir sobre esse processo a partir da escrita da narrativa como

a arte de evocar e de lembrar [que] remete o sujeito a eleger e avaliar a importância das representações sobre sua identidade, sobre suas práticas formativas que viveu, de domínios exercidos por outros sobre si, de situações fortes que marcaram escolhas e questionamentos sobre suas aprendizagens.

Essa arte de evocar, a qual Souza se refere, reflete o exercício que tenho praticado nas escritas que versam sobre a minha experiência de vida. Escrita como narrativa de si, como caminho, como percurso entrecruzando passado e presente, memórias e representações de uma infância permeada por momentos vividos, exercidos e praticados intensamente. Nesse contexto acerca do viés autobiográfico e narrativo, também evoco o conceito de “aprendizagem biográfica” (ALHEIT, 2013), que diz respeito ao curso da vida das pessoas, ou seja, o processo contínuo por meio da interação entre a subjetividade individual e as condições experimentadas pelo sujeito no seio da sociedade. A visão de Alheit contribui para aprimorar o quadro sobre a reflexão biográfica inserida no curso da história de vida que reverbera na busca pela aprendizagem, por aquilo que foi determinante na minha constituição como sujeito. A aprendizagem também pode ser entendida na perspectiva das memórias e dos afetos, dos processo de experiência com a vida, com o mundo da casa, proveniente das interações e vivências no espaço e tempo da subjetividade da infância.



2 Aprendizagem biográfica: redesenhando os contornos da vida

Alheit (2013) destaca, inicialmente, que o conceito de aprendizagem têm sido objeto de debate nos últimos 30 anos e, mais enfaticamente, durante a última década. O conceito de aprendizagem, segundo o autor, representa um novo modo de compreender as atividades educacionais presentes na modernidade tardia, citando como exemplo o documento *"Memorandum on Lifelong Learning"*, da *Commission of the European Communities*, (2000, p. 3), afirmando que "a aprendizagem ao longo da vida não é mais apenas um aspecto da educação e formação; ela deve se tornar o princípio orientador para a educação e participação em todo o *continuum* de contextos de aprendizagem". Segundo Alheit o documento apresenta o avanço da Europa para uma sociedade e economia baseada no conhecimento mostrando que os indivíduos querem planejar suas vidas; contribuir ativamente para a sociedade; lidar positivamente com a diversidade cultural, étnica e linguística. Assim, a "educação em seu sentido mais amplo é a chave para aprender e entender como cumprir esses desafios" (ALHEIT, 2013, p. 138-139).

Na abordagem trazida por Alheit, a perspectiva da aprendizagem é pensada num "*continuum*" relacionado com o curso da vida, com aspectos da subjetividade. Essa concepção de aprendizagem como campo da vivência abre espaço para investigar quais seriam as possibilidades desse "*continuum*" no contexto do mundo da casa. Quais seriam as aprendizagens subjetivas que internalizei na interação com o mundo da casa? Como traduzir essas aprendizagens adquiridas no "*continuum*" da infância em formas de dizer e fazer a vida? Acredito que fórmulas prontas não estejam disponíveis, porém, creio que seja possível utilizar imagens como disparadora de lembranças para perceber o que ficou guardado na infância e como isso pode tornar-se aprendizado para a vida adulta, buscando esse "*continuum*" da existência marcado na tessitura singular de cada sujeito. A resposta para as questões, talvez esteja na proposta da aprendizagem biográfica apontada por Alheit (2013, p. 149) ao considerar que,

o conhecimento somente pode ser genuinamente transicional se for conhecimento biográfico. Somente quando determinados indivíduos se relacionam com seu mundo-vida de maneira que suas atividades autorreflexivas começam a moldar contextos sociais é estabelecido contato com aquela qualificação fundamental da modernidade que chamei anteriormente de "biograficidade".

A biograficidade significa a possibilidade do indivíduo redesenhar os contornos da sua vida a partir de contextos específicos. Esses contextos vividos e vivenciados, segundo o autor, representam situações que experienciamos como



moldáveis e desenháveis, por meio das quais podemos fazer conexões com situações que jamais teríamos imaginado. Nesse sentido, a biografia como forma de aprendizagem reflexiva permite ao indivíduo perceber as potencialidades das vidas não vividas, ou seja, como processo autorreflexivo e de interação com o mundo, com outras pessoas e consigo mesmo.

Seguindo o caminho biográfico como mote para compreender o mundo e a si mesmo, encontro em Delory-Momberger (2012, p. 525) uma perspectiva que reforça conceitualmente o entendimento. Segundo a autora,

a atividade biográfica não fica restrita apenas ao discurso, às formas orais ou escritas de um verbo realizado. Ela se reporta, em primeiro lugar, a uma atitude mental e comportamental, a uma forma de compreensão e de estruturação da experiência e da ação, exercendo-se de forma constante na relação do homem com sua vivência e com o mundo que o rodeia.

Assim, ao reportar-me para compreender a relação estabelecida com a visão de mundo da época de criança, estou construindo estruturas interpretativas de uma experiência vivida na qual pessoas e ações ganham significação. De acordo com a autora, a utilização dos termos biografia e biográfico não deve ser usado, apenas, para designar a realidade factual do vivido, ou seja, a narrativa biográfica adquire sentido para além das estruturas registradas no papel. A narrativa biográfica assume lugar de “representações e de construções segundo as quais os seres humanos percebem sua existência” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.525), a ponto dessa narrativa da experiência tornar-se uma escrita que imprime um modo de apreensão e de interpretação da vivência ao incorporar sua dinâmica, tornando-a uma escrita de si. Para Delory-Momberger (2012, p. 525):

os neologismos biografar(se) e biografização salientam o caráter processual da atividade biográfica e remetem a todas as operações mentais, comportamentais e verbais pelas quais o indivíduo não cessa de inscrever sua experiência e sua ação em esquemas temporais orientados e finalizados.

Nesse caso, percebo que as experiências e visões de mundo intuídas na infância, decorrem de processos mentais e comportamentais que resultaram em inquietações, medos e no questionamento sobre a existência de outros mundos. Na minha ideia sobre a vida, mediada pelas relações e colocações severas dos adultos, me sentia constantemente sobressaltado por advertências em tom ameaçador: *“a casa é o lugar seguro, portanto, não passe do portão porque o mundo lá fora não presta”*. A frase era repetida muitas vezes, principalmente pela minha mãe. Provavelmente, havia receio de que alguma coisa grave acontecesse caso eu fosse para a rua.



Diante dessa situação posta pelos meus pais e irmãos, sentia-me numa divisão que apontava para o mundo da casa e o mundo da rua. Segundo DaMatta (1991, p. 23) “há uma divisão clara entre dois espaços sociais fundamentais que dividem a vida social brasileira: o mundo da casa e o mundo da rua – onde estão, teoricamente, o trabalho, o movimento, a surpresa e a tentação”. Esse movimento do mundo da rua despertava minha atenção em contraposição ao mundo da casa com sua calma, tranquilidade e cotidiano estabelecido. Havia ao mesmo tempo um medo e um desejo de conhecer esse outro “mundo” da rua frequentado pelos irmãos mais velhos. Em alguns momentos aventurava uma saída fortuita, porém, o receio de que algo acontecesse, fazia-me recuar ao lembrar que na rua “não há, teoricamente, nem amor, nem consideração, nem respeito, nem amizade. É local perigoso [...]” (DAMATTA, 1991, p. 29), porque o mundo lá fora não presta.



Figura 1: Quintal da casa em Teresópolis, Rio de Janeiro. Acervo particular do autor.

Desse modo, contentava-me em olhar pela grade do portão, mesmo que estivesse aberto, o movimento que caracterizava o mundo da rua. Observava o movimento tranquilo de uma rua com casas, rua típica das cidades de interior que ainda iriam crescer. Utilizava o quintal como espaço de brincadeiras (figura 1), onde o pensamento transitava entre a visão da vida cotidiana e do mundo circunscrito ao quintal da casa. Nesse espaço, a sensação era de estar no centro desse mundo imaginário, um mundo permitido, possível e presente no cotidiano da casa. Hoje, ao observar esta imagem da infância, que “pertence à ordem do efêmero, do acidental, à ordem do fugaz e do frágil” (SAMAIN, 2012, p. 32), reflito sobre minha posição no momento em que a mesma foi registrada pelo Ailton, um vizinho afetuoso que frequentemente realizava fotos das minhas estripulias. Ocasionalmente, o registro da foto colocou-me no centro do quintal,



sem que, necessariamente, fosse providenciado uma pose específica para o registro. O olhar direcionado e as mãos na cintura denunciam um misto de surpresa e alegria pelo gesto de afeto, sobretudo, ao olhar para o Ailton que em prontidão chama minha atenção e faz o clique da foto. Essa experiência com o mundo da casa permite pela presença da imagem reviver um momento de passagem, porém, impregnado de nuances recordativas de uma época especial. Tanto o registro da imagem, preservado por mim com zelo durante todos esses anos, quanto a sensação de afeto que repousa nas minhas lembranças ao observar determinadas imagens do mundo da casa, permite compreender que as imagens nos fazem viver, pois “[...] por natureza, são poços de memórias e focos de emoções, de sensações, isto é, lugares carregados precisamente de humanidade” (SAMAIN, 2012, p. 22). É, justamente desse lugar de humanidade apontado por Samain que trata minha relação com estas imagens do mundo da casa, numa tentativa de recuperar subjetividades provenientes de uma história de vida através de narrativas que, associadas as imagens, me fazem pensar, porque “[...] toda imagem é portadora de pensamentos, isto é, veicula pensamentos” (SAMAIN, 2012, p. 22).

3 Concepções e visões do mundo

A concepção da expressão “mundo da casa” ganhou relevância a partir das leituras que fiz do texto “Os tipos de concepção de mundo” de Wilhelm Dilthey. A ideia está associada ao conceito de “mundividência” (DILTHEY, 1992) trabalhado pelo autor para possibilitar ao sujeito uma concepção ou visão de mundo a partir da sua história, da sua experiência no mundo. Para o autor só se pode compreender a vida partindo dela mesma como princípio hermenêutico.

Encontrei nos escritos de Dilthey (1992) um modo de pensar desafiante em termos da filosofia e da hermenêutica, sobretudo, para refletir sobre a mundividência como forma de compreender as diferentes concepções acerca do mundo. Dilthey detalha essa concepção ao explicar que a “vida desfralda-se, recebendo e agindo; a sua unidade discrimina-se e, neste seu diferenciar-se, sobressai o nexo indissolúvel do Si mesmo e do mundo, que é o seu Outro” (p. 32). Ressalta que a vida ao desfraldar-se ganha uma dimensão no mundo que abarca o receber e o agir. Entendo o desfraldar-se como um ato de liberdade permitindo aos indivíduos interpretar suas ações no mundo em busca do sentido de sua permanência nesse mundo, pois, “o mundo está sempre aí para nós, num nível qualquer” (DILTHEY, 1992, p. 33).



O receber e o agir compreendem os ensaios necessários para deixar a vida “desfraldar-se”. Precisamos receber para depois agir. Para Dilthey (1992, p. 33) é do agir da vida que passamos ao desenvolvimento do nosso esforço para

nos instalarmos no mundo enquanto pensantes, por elevarmos a nossa vida à consciência – rasgo este que é em nós fundamental e inderivável – depreende-se que assim como o Si mesmo e o mundo são correlatos, assim também o são o ideal da vida e a visão do mundo.

Nesse sentido, Dilthey apresenta a ideia de rasgo como forma de elevar a consciência, para então, surgir uma visão da vida e do mundo, inter-relacionados como expressão de vitalidade.

Para Dilthey, o pensamento entre a visão da vida e do mundo, pressupõe a relação do homem “com a consciência daquilo que ele vive, experimenta e olha na sua totalidade, na urdidura de vida própria e do mundo” (p. 34). O complexo enredo hermenêutico proposto por Dilthey, consiste no conceito de urdidura que trama a relação da vida e do mundo com o objetivo de representar metaforicamente o conjunto de fios lançados no tear da existência para tecer diferentes concepções de mundo, ou seja, a mundividência.

A concepção de mundo ou mundividência de Dilthey, é um argumento que reforça o entendimento acerca do mundo da casa como uma maneira de significar minha concepção e construção de mundos. Mundos entrelaçados, urdididos, porém, com especificidades peculiares, ou seja, as concepções do mundo da casa e de outros mundos são construídas pelo sujeito a partir das suas vivências e experiências nesses mundos. Para mim, o quintal da casa representava um mundo particular, especialmente, ao permitir estripulias que não eram possíveis dentro de casa.

4 Afetos e memórias com o mundo da casa

Quando criança a noção da palavra mundo era demasiadamente distante da minha compreensão provisória sobre a vida. Imaginava que o mundo estava circunscrito ao espaço da casa na qual vivia. Que o mundo seria o trabalho do meu pai e o universo que se restringia ao cotidiano familiar. Posteriormente, a partir de uma percepção da vida, comecei a perceber que o mundo era algo maior, mais significativa que o simples passar dos dias no seio da família.

Comecei a perceber e a prestar atenção naquilo que os meus irmãos contavam sobre a escola, as brincadeiras na rua e as maravilhas existentes para além do portão da casa. Sabia da existência de um mundo fora de casa, além do portão. Esse mundo



era experimentado momentaneamente nas poucas brincadeiras com os colegas de infância, nas visitas feitas com a minha mãe aos parentes e vizinhos. O portão era o limite do mundo estabelecido, para além do portão não era possível avançar.

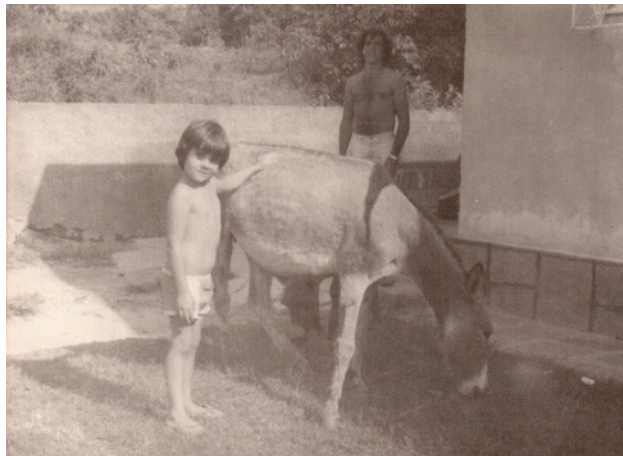


Figura 2: Momento de diversão no quintal da casa em Teresópolis, Rio de Janeiro. Acervo particular do autor.

As figuras 2 e 3 transportam-me para momentos em que brincava no quintal com dois cavalos, tanto a mãe como o filhote surgiram no quintal atraídos pela grama e pela água. Na figura, ao fundo, meu irmão mais velho, observando atentamente minha ousadia ao brincar com um animal desconhecido.

Nesses momentos descontraídos, o Ailton pegava-me de surpresa fazendo registros fotográficos de um período da infância repleto de encantos e, também, de controvérsias...

Eram momentos relevantes, sobretudo, pela presença do meu irmão mais velho, que frequentemente, utilizava o espaço do quintal como local de trabalho, consertando caixas de tomate e, também, invadindo o meu mundo, porque nesses momentos eu me apossava do quintal como um território de acontecimentos. O inesperado, o inusitado serviam como elemento instigante na busca por aventuras. Lembro-me que a aparição dos animais no quintal, em busca de água e alimento foi uma festa.

Reviver através das imagens sensações guardadas durante a infância é um processo apaixonante, porque instiga a refletir sobre histórias e memórias presentes em momentos singulares, capaz de capturar o máximo possível de nossas experiências. Nesse sentido, entendo que a imagem “[...] é muito mais que um objeto: ela é o lugar de um processo vivo, ela participa de um sistema de pensamento. A imagem é pensante” (SAMAIN, 2012, p. 31). Assim, posso conjecturar pensamentos e experiências a partir de imagens que falam de um mundo específico, desse mundo da casa, repleto de simbolizações.



Figura 3: Agarrado com o pequeno filhote.
Pura diversão para quebrar o cotidiano com o mundo da casa. Acervo particular do autor

O relato narrativo aponta para o contexto do mundo da casa como espaço de experimentações. O contato com o inusitado e a surpresa surgida com os animais foi uma experiência prazerosa, do mesmo modo que estar com meu irmão mais velho representava uma aventura autorizada.

Nesse sentido, creio que a minha formação como sujeito partiu daquilo que Dilthey (1992, p. 112) considerava fundamental, ou seja, a ideia de que “da reflexão sobre a vida nasce a experiência da vida”. Sobretudo, por considerar que acontecimentos singulares, advindos das experiências no mundo circundante, convertem-se num saber, numa visão de mundo capaz de configurar a experiência de vida de modo diferente nos indivíduos. Essa situação que vivi nesse mundo representado pelo quintal de casa me despertou para a vida, para outro mundo, para o desejo de que meu irmão também pudesse participar das minhas estripulias, conforme dizia quando encontrava-me fazendo bagunça.

A experiência que vivi configuraram em mim marcas, interesses e motivações relevantes no tocante à minha vida na infância. Clandinin e Connelly (2011) consideram fundamental o processo da narrativa como uma maneira de compreender a experiência. Experiência que pode ser vivenciada em lugares diferentes, em meio a outras crianças, em outros espaços, em outros processos, com outros sujeitos, em outros mundos.

De acordo com Sanches (2010, p. 112), a “narrativa faz essa mediação reflexiva: proporciona, por meio de uma subjetividade que se faz no tempo, enfrentando as vicissitudes da vida, uma identidade pessoal narrativizada e reflexiva, que não



se esconde do mundo". A narrativa é uma urdidura da dinâmica subjetiva de quem conta, como conta e onde conta. As instâncias do tempo, da vida, tinham um sentido atemporal na minha percepção de criança.

5 Conhecimento de si e conhecimento do mundo


A medida que fui experimentando outras estórias originárias do mundo da casa, meu pensamento floresceu e passei a cultivar o hábito de desenhar. Como não sabia escrever o desenho era o modo de expressar minha imaginação acerca dos mundos que imaginava. A cada desenho, novos mundos eram criados, formando laços com a minha existência, a minha vida, com os medos e anseios acerca do mundo imaginado e desconhecido. Segundo Dilthey (1992, p. 10), nesse tipo de contexto, nasce o sentido da experiência da vida. O autor explica que

o fundo de que parte todo o pensar e agir humano é a vida: inconcebível, inexplicável, impérvia ao conceito ou pelo conceito, ela é essencialmente pluralidade de aspectos, transição para opostos reais, luta de forças; é um processo de diversificação e de diferenciação que se desdobra em experiências inéditas. É próprio da vida manifestar-se e objectivar-se em símbolos, suscitar mundos, pois todo o dentro busca expressão num fora. Eis porque ela surge como a raiz última da mundividência.

Compreendo que a experiência da vida é única. Esse pensar e agir humano, conforme explica Dilthey, é algo intransferível, inseparável e próprio do sujeito. As experiências são únicas e singulares e o que foi vivido, experienciado, fica na tessitura da vida, da subjetividade de cada um.

A percepção que tinha do portão da minha casa era o ponto de referência central da minha imaginação, algo mágico que poderia levar-me para outros mundos. Entretanto, o medo de perder o mundo da casa me fazia recuar, como num conto de fadas. Imaginava que ao passar pelo portão algo aconteceria. A casa iria desaparecer e um abismo surgiria, medo de criança.

Haviam, também, momentos de final da tarde no quintal da casa para ajudar meu pai no conserto das caixas de tomate. Mesmo não sabendo realizar a tarefa como do agrado dele, a sua companhia e presença física, representada por seu corpo mudo, significava para mim um momento de carinho, afeto e aceitação, pois, "afinal, a condição de afetabilidade nos perpassa o corpo através de diferentes regimes sensíveis cuja indiscernibilidade nos incita a pensar" (PACHECO, 2006, p. 37). Pensar a partir da experiência de afeto presente no cotidiano misturado com sensações,



percepções, cheiros e odores, fazia desse Outro, que ali se posicionava como Pai, um sujeito emblemático, capaz de despertar em mim desejos e expectativas espelhados em projeções que jamais pude experimentar, mas, que, no entanto, preenchiam o meu mundo de criança.

Essas lembranças da infância ecoam na vida adulta e trazem à memória narrativas e histórias que marcaram minha experiência, numa dimensão que alimenta o entendimento do que sou hoje ao mesmo tempo em que inspira a busca por esse “conhecimento de si” (SOUZA, 2006), tão necessário para que haja uma tomada de consciência acerca do que pretendo, ainda, ser.

Referências Bibliográficas

ALHEIT, Peter. Aprendizagem biográfica: dentro do novo discurso da aprendizagem ao longo da vida. In: ILLERIS, Knud (Org.). **Teorias contemporâneas da aprendizagem**. Tradução: Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Penso, 2013, p. 138-152.

CLANDININ D. Jean e CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: ROCCO, 1991.

DILTHEY, Wilhelm. **Teoria das concepções do mundo**. Tradução: Artur Morão. Rio de Janeiro: Edições 70, 1992.

PACHECO, Elizabeth Medeiros. **Entre Clínica e Literatura, a tradição do imemorable**. Dissertação de Mestrado: Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2006.

SAMAIN, ETIENNE. As imagens não são bolas de sinuca. Como pensam as imagens. In: SAMAIN, ETIENNE. (Org.) **Como pensam as imagens**. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2012, p. 21-36.

SANCHES, Roberto. O saber da narração: Paul Ricoeur e Marie-Christine Josso. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.) **(Auto)biografia e formação humana**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 109-119.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006.



Documentos eletrônicos

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. In: **Revista Brasileira de Educação**. v.7, n. 51, setembro-dezembro, 2012, p. 523-536.
< Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/02.pdf> Acesso em: 10/09/2013 >

Minicurrículo

Luiz Carlos é doutor em Arte e Cultura Visual pelo PPGACV da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Mestre em Educação pelo PPGE da UFF/Niterói/RJ e Licenciado em Educação Artística/História da Arte pela UERJ. Professor do Departamento de Artes Visuais e Coordenador do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UnB/Noturno.